



ENTRE MUNDOS JUVENIS: AS TECNOLOGIAS NA VIDA E NA ESCOLARIZAÇÃO DE ALUNOS DAS CLASSES POPULARES

**BETWEEN JUVENILE WORLDS:
THE TECHNOLOGIES IN THE LIFE AND SCHOOLING OF WORKING CLASS STUDENTS**

**ENTRE MUNDOS JUVENILES:
LAS TECNOLOGÍAS EN LA VIDA Y ESCOLARIZACIÓN DE LOS ALUMNOS DE LAS CLASES
POPULARES**

*André Toreli Salatino¹
Belmira Oliveira Bueno²*

RESUMO: O artigo analisa o papel das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) na vida escolar de jovens do Ensino Médio pertencentes a classes populares, com foco sobre o uso dos aparelhos celulares. Os dados qualitativos procedem de uma pesquisa etnográfica realizada ao longo de 2012 em uma escola pública de São Paulo que incluiu, além das observações em salas de aula, um questionário e um grupo focal. Os dados quantitativos foram extraídos do Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação 2013. As análises, em perspectiva sociológica, levaram a concluir que as tecnologias constituem uma das bases da experiência social da juventude contemporânea e que, mesmo que a instituição escolar não as tenha incorporado a suas práticas, os alunos trazem dispositivos móveis para o interior dela. Entretanto, eles não mobilizam esses aparelhos para potencializar as aprendizagens escolares, mas para se ausentarem do mundo escolar e reencontrarem os temas do universo juvenil. Pensar a incorporação desses elementos tecnológicos na cultura escolar requer, desse modo, compreender a responsabilidade da escola e dos professores na utilização pedagógica desses recursos, bem como a ponderação de que as tecnologias podem atuar mais como um fator de ampliação das desigualdades do que de democratização social e escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Tecnologias. Celulares. Jovens. Ensino Médio. Classes populares.

ABSTRACT: The article analyses the role of Information and Communication Technologies (ICT) in the school lives of working class high school students with the focus on the cell phones. The qualitative data come from an ethnographic research carried out during 2012 at a São Paulo state school which included classroom observation, questionnaire and a focal group. Quantitative data were extracted from the Centre for Studies on Information and Communication Technologies 2013. The analyses, in a sociological perspective, showed that technologies constitute one of the bases of the social experience of contemporary youths, and that even if the school fails to incorporate ICT into its practices, the pupils bring mobile devices into it. However, students do not mobilize these devices to enhance their school learning, but rather to get away from the school universe and to return to the themes of their juvenile world. Therefore, to think about incorporating these technological elements into the school culture requires understanding the responsibility of the school and of its teachers in the pedagogical use of these resources, as well as considering that technologies may contribute to the amplification of inequalities rather than to social and school democratization.

KEYWORDS: Technologies. Cell phones. Youngsters. High school. Working classes.

¹ Mestre em Educação pela Universidade de São Paulo. E-mail: andre.salatino@usp.br.

² Professora Titular do Departamento de Metodologia de Ensino e Educação Comparada da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. E-mail: bbueno@usp.br.

Recebido em: 01/07/2015 – **Aprovado em:** 09/11/2015.

RESUMEN: El artículo analiza el papel de las Tecnologías de la Información y Comunicación (TIC) en la vida escolar de jóvenes de educación secundaria pertenecientes a clases populares. La atención se centra sobre el uso de teléfonos móviles. Los datos cualitativos proceden de una investigación etnográfica realizada a lo largo del 2012 en una escuela pública de Sao Paulo que incluyó observaciones en aulas, aplicación de un cuestionario y un grupo focal. Los datos cualitativos fueron extraídos del Centro de Estudios de Información y Comunicación 2013. Los análisis, en perspectiva sociológica, llevaron a concluir que las tecnologías constituyen una de las bases de la experiencia social de la juventud contemporánea, y que pesar de que la escuela no haya incorporado las TIC a sus prácticas pedagógicas, los alumnos traen los dispositivos móviles para su interior. Sin embargo, ellos no llevan estos aparatos para potenciar su proceso de aprendizaje sino para ausentarse del mundo escolar y reencontrarse con los temas del universo juvenil. De esta forma, pensar en la incorporación de esos elementos tecnológicos en la cultura escolar requiere la comprensión de la responsabilidad de la escuela y de los profesores en la utilización pedagógica de esos recursos, así como tener en cuenta que las tecnologías pueden actuar más como un factor de ampliación de las desigualdades que como una democratización social y escolar.

PALABRAS CLAVE: Tecnologías. Teléfonos móviles. Jóvenes. Educación secundaria. Clases populares.

1 INTRODUÇÃO

Vemos os jovens enredados em uma pluralidade de relações sociais. Entre conversas e atividades, suas inter-relações são mediadas por objetos tecnológicos e pelo mundo simbólico que configuram a cultura de consumo contemporânea. Uma observação de suas práticas e de certos detalhes que as caracterizam, permite esboçar uma interpretação de sua experiência social. É na busca por certa forma de visibilidade em uma etapa da vida marcada pela invisibilidade social que as culturas juvenis são inventadas e reproduzidas, como bem observado por Schilling (2005). Nesse processo cotidiano, as culturas juvenis e escolares se entrelaçam e se mostram tensionadas, pois a escola consiste em um caminho inevitável e, por conseguinte, na instituição socializadora de maior impacto na vida dos jovens. A despeito de uma pluralidade de estilos, modos de viver e de perceber o mundo, a compreensão da juventude não pode ser dissociada dessa experiência escolar largamente compartilhada. Entretanto, há que se precisar o sentido em que a palavra juventude é tomada, desvinculando-a da referência a uma faixa etária rígida. Trata-se, antes, de um conceito de caráter social. Para Bourdieu (2003), o conceito de juventude se inscreve numa relação de poder, um embate entre gerações, que apresentam dificuldades de comunicação por terem vivenciado experiências culturais distintas, numa luta pelos bens e posições de prestígio existentes em nossa sociedade. Ao reafirmar a centralidade da experiência escolar na compreensão da sociedade e no embate intergeracional, o sociólogo mostra que é justamente por estar inscrita em um estágio diverso de desenvolvimento de um mesmo sistema educacional que a geração atual se diferencia da que lhe é imediatamente anterior.

Se aplicarmos esse raciocínio ao conjunto das transformações socioculturais e tecnológicas que atravessam a sociedade contemporânea, constatamos que os jovens se diferenciam da geração precedente não apenas por estarem em contato com uma escola diversa, massificada e com seus títulos desvalorizados (BOURDIEU; BOLTANSKI, 1998), mas, também, por outros atributos. O impacto da noção de “nativos digitais” de Prensky (2001) é um exemplo da preponderância que os elementos tecnológicos apresentam em diversos discursos como aspecto central da juventude atual, marca que a diferencia de outras

gerações. Constitui-se, assim, uma assimetria em termos dos diferentes contextos que os jovens atravessam em sua experiência social. Se na vida cotidiana estão imersos em um mundo essencialmente tecnológico, a escola como instituição de ensino ainda não se aparelhou devidamente para acolher essa população de jovens cujo perfil se diferencia dos pais e da maioria de seus professores, sobretudo, pelas destrezas e habilidades que portam e, mais ainda, pelos interesses peculiares que se revelam nas relações travadas por eles com as tecnologias e o mundo digital.

Ainda que as escolas sejam cada vez mais movidas por artefatos tecnológicos diversos, o fato é que as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) ainda não chegaram efetivamente às salas de aula, como suporte do processo de ensino e aprendizagem. Em sua vasta maioria, tanto alunos quanto professores acham-se hoje conectados à internet e às redes sociais, todavia, desconectados entre si do ponto de vista pedagógico. Os alunos manejam com fluência os *gadgets* que surgem a cada momento no mundo do consumo, mas em geral não sabem como utilizá-los na apropriação dos conteúdos escolares. Por sua vez, os professores, embora tenham certo manejo das tecnologias – 99% afirmam ter utilizado a internet, segundo informações do Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação (CETIC.BR, 2013) – e muitos estejam conectados às redes sociais, a maioria não tem mostrado domínio para utilizá-las com propósitos pedagógicos em sala de aula.

Esses contrastes e tensões provocados pelas tecnologias constituem um universo ainda bem pouco conhecido tanto pela própria escola quanto pelos pesquisadores. Trata-se, no entanto, de uma tarefa inadiável, pois, o que está em jogo é a educação dos jovens e a necessidade de compreendermos os comportamentos e as expectativas da juventude, sobretudo, levando em conta a diversidade de grupos que a compõem. O presente artigo estruturou-se por essa perspectiva, com o objetivo de analisar o papel das tecnologias na vida de jovens pertencentes a classes populares, sobretudo, em sua experiência no interior da instituição escolar.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Como os aparelhos tecnológicos que inundam a sociedade contemporânea estariam modificando as salas de aula das escolas bem como as práticas de nossos alunos? De que maneira os jovens vivenciam essa dissociação tecnológica e prática entre o mundo juvenil e o mundo escolar?

Buscando responder a essas perguntas, o trabalho ancorou-se em duas fontes de dados, uma de natureza qualitativa e outra, quantitativa. A primeira, e mais importante, foi uma pesquisa etnográfica realizada em uma escola pública de Ensino Médio (EM) da periferia de São Paulo ao longo do ano letivo de 2012, aqui denominada Escola B. Esta escola atende aos jovens das classes populares que residem nos conjuntos habitacionais da região. São jovens estudantes do período noturno, alguns dos quais já são trabalhadores. Uma parcela desses jovens é repetente, tendo migrado do período diurno da mesma escola. Para

40% desses alunos, o nível de escolarização atingido por seus pais é inferior ao que eles próprios já atingiram. Apenas 24% dos pais e 31% de suas mães completaram o Ensino Médio e bem poucos atingiram o nível superior: 11% dos pais e 14% das mães. Isso tem implicações em termos do capital cultural acumulado pelos alunos em estudo e também na forma pela qual se relacionam com a escola. Diferentemente das classes médias, que possuem um *ethos* de ascensão social por meio da escola, a prática social dos jovens dos estratos sociais menos favorecidos se depara com uma pequena taxa de sucesso escolar em seu meio sociocultural, o que contribui para o baixo investimento realizado no jogo escolar (BOURDIEU, 1998).

Na pesquisa etnográfica, três turmas de alunos foram acompanhadas ao longo das 21 visitas realizadas³. Um questionário com perguntas fechadas precedeu as observações visando obter uma visão de conjunto sobre os alunos, suas famílias e os usos das tecnologias – internet, televisão, smartphones, celulares, frequência a *lanhouses* etc. Ao final do trabalho de campo, foram colhidos depoimentos de um grupo de alunos de uma das turmas observadas por meio da técnica de grupo focal. Os dados quantitativos foram extraídos da pesquisa publicada em 2013 pelo CETIC.br⁴, que monitora, desde 2005, a adoção das TICs, particularmente, o acesso e uso de computador, internet e dispositivos móveis. Consideramos relevante incorporar os dados publicados por esse Centro de Estudos, pois, ao se mostrarem convergentes com os dados da pesquisa de campo, ajudam a estabelecer uma correspondência entre os universos micro e macrosocial do grupo estudado e a delinear algumas tendências da experiência social das novas gerações. Como a pesquisa etnográfica teve por foco as classes populares, tomamos como parâmetro de comparação os dados estatísticos referentes às práticas dos membros da classe C caracterizada pelo CETIC.br.

O foco principal de análise recai sobre o uso dos aparelhos celulares, pela centralidade que esse equipamento tecnológico tem adquirido em nossa sociedade e, também, pela perspectiva de compreender a invenção da cultura escolar contemporânea a partir desse ângulo. Enquanto a observação direta da instituição escolar se justificou pela busca de uma compreensão sobre os dilemas da juventude e da própria sociedade contemporânea, sobretudo, por se tratar de uma experiência largamente compartilhada e permeada pelos valores e contradições da sociedade como um todo, o recorte de classe mostrou-se relevante, pois, ao pertencerem a uma determinada classe social, os jovens possuem um capital cultural e um *ethos* específicos (BOURDIEU, 1998) com os quais lidam em sua experiência escolar. Isto serve de base para entendermos o leque de práticas culturais e tecnológicas realizadas dentro e fora da escola. A noção de classe social é tomada aqui não apenas em sua dimensão econômica (como decorrente do rendimento ou de sua posição na estrutura produtiva), mas também como um *ethos* e um modo de vida. Constitui-se como noção que apresenta uma

³ Sob a orientação de Belmira Oliveira Bueno, o trabalho empírico foi realizado por André Toreli Salatino (2014) como parte de sua dissertação de mestrado.

⁴ Para maiores detalhes consultar: <http://www.cetic.br/pesquisa/domicilios/indicadores> e <http://www.cetic.br/>

dimensão cultural referente ao conjunto de valores e à visão do mundo social, que funcionam como mediação na relação dos jovens com a escola.

3 OS JOVENS NO CONTEXTO SOCIOCULTURAL CONTEMPORÂNEO

Ao modo proposto por Bourdieu (2003), há duas formas distintas de vivenciar a juventude e a transição para o mundo do trabalho. Se por um lado a classe dominante busca prolongar os estudos, usufruindo de uma economia da cultura e do lazer, a especificidade das classes populares consiste na busca por encurtar esse período escolar e ter acesso ao mercado de trabalho, em decorrência de suas necessidades materiais e econômicas. Daí o jogo complexo e contraditório das classes populares com a instituição escolar: trata-se de um investimento incerto e de longo prazo, risco que seus membros nem sempre se dispõem a correr.

No Brasil, o computador e o acesso à internet têm-se disseminado largamente, mesmo entre as classes de menor poder aquisitivo. Se tomarmos a classe C como parâmetro de comparação, observamos que 46% desse segmento social possui computador em seu domicílio e 39% acessam a internet. Entre os jovens, esse uso não parece se desvincular das atividades escolares, mesmo que o computador esteja ausente das salas de aula: 67% dos jovens entre 16 e 24 anos afirmam usar a internet para pesquisar trabalhos escolares enquanto que 46% afirmam estudar por conta própria utilizando esse aparelho (SALATINO, 2014). De acordo com os dados do CETIC.br (2013), o uso da internet por jovens dessa faixa etária é intenso, sendo que a maior parte afirma que a utiliza para ouvir música, assistir a filmes ou vídeos, ou para jogar jogos *online*. O mesmo estudo indica que 68% fazem o *download* de músicas, enquanto 43%, de filmes e 37%, de jogos. Práticas comunicativas e participação nas redes sociais nessa faixa etária são também expressivas: 89% afirma participar do *Facebook*; 76% envia *e-mails*; e 83%, mensagens instantâneas em *chats*. Quando se trata de formas mais complexas de discussão, como os debates em fóruns, esse percentual cai para 19%.

Convergindo com o trabalho de campo, os dados do CETIC.br apontam para a relevância da categoria classe social, ainda que em termos estatísticos essa categoria possua uma referência econômica não trabalhada em conjunto com a cultural. Da mesma forma que não há uma experiência única com relação a essa etapa da vida social, vemos que as práticas culturais e tecnológicas indicam diferenciações quanto à apropriação e ao uso das TICs. Apesar de algumas práticas parecerem transpassar o universo juvenil, como a de “ouvir música”, outras apresentam disparidades, como “assistir a vídeos”. Neste caso, registra-se 62% para a classe A e, bem abaixo, 46%, para a classe C. As classes menos favorecidas jogam mais: 46% da classe C, contra 32% da classe A. A diferença mais gritante está atrelada à relação dos jovens com o texto escrito: apenas 34% da classe C utiliza a internet para ler jornais, sendo que o percentual da classe A é de 68%. Enquanto atividades como a utilização de redes sociais aparecem bem distribuídas entre as diversas classes sociais, outras práticas comunicacionais, como o envio de *e-mail*, as diferenciam. Neste item, encontramos 91% para a classe A e apenas 65% para a classe C. O uso de fóruns também apresenta um claro

diferencial entre os dois segmentos ao indicar que apenas 12% dos membros da classe C costumam realizar essa atividade, contra 32% dos membros da classe A.

Quanto ao uso dos computadores, os dados da pesquisa de campo também são coincidentes com as tendências apontadas pelo CETIC.br. Entre os alunos entrevistados, 86% afirmaram utilizar o computador para acessar ao *Facebook* – e o acesso a vídeos na rede está entre suas práticas mais utilizadas. Outras práticas referentes ao uso do computador e internet também apresentam um diferencial de classe, cujas tendências são equivalentes nas duas fontes de dados. Enquanto que nos dados gerais 34% da classe C lê notícias na internet, o questionário aplicado indicou que 40% dos jovens afirmam utilizar o computador para essa prática, número bem abaixo dos 64% dos jovens pertencentes à classe A. Enquanto 65% da classe C utiliza o computador para mandar *e-mails*, no trabalho de campo nos deparamos com um percentual ainda menor: apenas 40% dos jovens da Escola B mandam *e-mails* pelo computador.

Na Escola B foi possível ver os jovens muito à vontade nesse leque de práticas do mundo tecnológico atual. Em 82% dos casos, os alunos possuem computadores em seus lares, 80% têm acesso à internet ou frequenta *lan houses*. A preponderância em suas práticas também se reveste de uma dimensão quantitativa: grande parte dos alunos passa entre uma e três horas em frente ao computador (47%). Se considerarmos todos os que passam mais do que uma hora diária em frente à tela desse equipamento, o total chega a 73% dos jovens.

Apesar de não ser a prática mais frequentemente utilizada durante o tempo livre, conforme registros de nossa pesquisa, o computador e a internet ocupam lugar importante na vida dos jovens. Em seus hábitos de lazer, uma prática que não descarta a utilização de aparelhos tecnológicos, como a de sair com os amigos, encontra-se em primeiro lugar, o que denota elementos que são centrais na vida juvenil: a manutenção e ampliação de suas redes de sociabilidade e a utilização de aparelhos tecnológicos para organizar as saídas com amigos, como já ressaltado por Nicolacci-da-Costa (2004). Logo na sequência, em termos de sua importância, o tempo livre desses jovens é dedicado às práticas diretamente relacionadas ao uso de aparelhos tecnológicos – assistir televisão, jogar *videogames*, ficar diante do computador. Segundo as respostas dos jovens ao questionário aplicado, pode-se identificar a importância da “iconosfera”, o império das imagens, em seu contato com os textos culturais contemporâneos. Mesmo com um percentual menor do que o uso dos computadores, os jovens das classes populares ainda têm grande parte de seu dia dedicado a assistir à programação televisiva: 64% passam mais do que uma hora diária em frente ao aparelho, sendo que 59% assiste entre uma e cinco horas de conteúdo.

Os textos audiovisuais passaram a ter um papel de centralidade na cultura contemporânea, processo que Dussel (2009) caracterizou como “declínio das humanidades”. A partir da década de 1970, a sociedade passou a encarregar a “iconosfera” pela formação das novas gerações. Assim, segundo a autora, os meios de comunicação de massa, especialmente a televisão, fornecem uma base que funciona como uma referência cultural comum aos

membros da sociedade. Não mais restrito ao espaço do Estado-Nação (CANCLINI, 2001) e por meio da base material das TICs, esse arcabouço altera-se com uma velocidade cada vez maior. Por essa substituição incessante, produz-se um contexto cultural fluido em que determinadas referências se tornam incompreensíveis para muitos, o que acaba por dificultar o estabelecimento de diálogos entre gerações com vivências distintas, ou mesmo entre tribos sociais que possuem diferentes gostos (DUSSEL, 2009).

Confirmando o uso altamente frequente e a exibição dos aparelhos tecnológicos entre os jovens, 99% dos alunos da Escola B diz possuir aparelhos celulares. Esse percentual (quase a totalidade) é superior à média nacional apresentada pelo CETIC.br-2013, que é de 92%. Dessa maneira, mesmo que a instituição escolar esteja muito próxima de sua forma de constituição na modernidade, ao não ter incorporado as TICs em sua dinâmica e atividades, esses dispositivos são trazidos pelos estudantes das classes populares para o seu interior, produzindo novas práticas, atribuindo novos significados à vida escolar contemporânea. A diferenciação de classe aparece aqui no plano de telefonia utilizado: na classe C, a maioria usa a forma pré-paga, enquanto na classe A, a maioria (58%) utiliza-se de planos pós-pagos. De qualquer forma, na vida cotidiana desses alunos os celulares representam tanto um instrumento de sua autonomia quanto de permissão para que produzam uma cultura específica assentada na conexão entre dispositivos móveis, socializando-se entre outros jovens e diferenciando-se de certa maneira da geração que os precede, como registrado por Passarelli e Junqueira (2012).

A centralidade da “iconosfera” foi produzida no Brasil em meio às especificidades de nossa sociedade, fundada na desigualdade social. Em nosso país, apesar de uma plena difusão dessa cultura por meio da produção de uma indústria cultural por meio do cinema, das revistas, dos rádios, jornais e televisão, o acesso real a esse consumo não acompanhou a difusão simbólica como ocorreu nos Estados do bem-estar social. O consumo nas sociedades desiguais sempre depende da renda disponível, ou mesmo das facilidades de acesso ao crédito oferecidas ao consumidor. Muitas vezes, isso ocorre por meio de uma “lógica do comprometimento”, em detrimento de outros bens de caráter mais essencial (TASCHNER, 2007). Por outro lado, como uma das consequências das próprias desigualdades, gera-se um contexto em que ocorrem frequentemente os furtos de tênis, celulares e objetos socialmente constituídos como objetos de desejo. Na sociedade brasileira, isso se dá porque essa relação com os objetos de consumo, especialmente os “de luxo”, representa a visibilidade dos signos do “ter” e do “poder” (ROCHA; SILVA, 2008).

A frequência da posse e utilização desses aparelhos tecnológicos entre os alunos da Escola B, demonstra a centralidade e a experiência de mundos dissociados vividos pelos jovens. A cultura escolar, historicamente produzida em meio a sucessivas exclusões, deixou de lado as culturas populares, a cultura contemporânea (os produtos da indústria cultural de massas) e o mundo das crianças e dos adolescentes, como ressaltado por Dussel (2009). Ao se relacionar precariamente com essas outras dimensões culturais, permanece a dificuldade da escola em dialogar com a cultura juvenil. Conforme a caracterização de Dubet (1998), na

sociedade contemporânea, a construção de sentido encontra-se no polo do ator, em virtude das diversas lógicas em vigor, muitas vezes contraditórias entre si, com base nas quais nós nos constituímos como sujeitos nessa sociedade. Compreender nossos alunos significa, desse modo, analisar a forma como se configuram suas práticas sociais e tecnológicas nesse contexto de “desordenamento cultural” (MARTIN-BARBERO, 2008), pois a construção do sentido de sua experiência escolar tem por base esse material cultural e tecnológico que lhes é socialmente relegado.

Por essa razão tornou-se importante no âmbito desta investigação analisarmos “de perto” e “de dentro” (MAGNANI, 2002) essas práticas dos jovens de nossa sociedade que vivem esse momento em que a escola aparece em assimetria com o restante do mundo social (TIRAMONTI, 2005), aí incluindo a defasagem tecnológica. A proliferação e o protagonismo dos elementos tecnológicos – compreendidos como artefatos-chave de um processo da invenção da cultura escolar contemporânea – tornam visíveis, justamente, a necessidade de os atores que produzem a instituição escolar (re)considerarem esse mundo juvenil por meio da possibilidade de incorporação de elementos que a forma escolar moderna pretendeu deixar para fora de seus muros. A pesquisa de campo colocou-nos constantemente frente a essa questão: estariam os alunos mobilizando os aparelhos tecnológicos como uma forma de potencializar seu processo de aprendizagem ou estariam utilizando-os como distração de um mundo escolar que lhes parece desprovido de atratividade?

Um exame das tensões da experiência escolar desses alunos a partir de um de seus protagonistas tecnológicos – o celular – permite-nos estabelecer um diálogo entre suas práticas e a dimensão simbólica da sociedade contemporânea. É o que buscamos estabelecer a seguir.

4 O CELULAR, NOVO PROTAGONISTA NA ESCOLA

A escola B não apresenta um projeto coletivo para a realização de um trabalho pedagógico com as tecnologias digitais no interior da escola, apesar de contar com uma sala de informática e aparelhos multimídia que, em geral, são pouco utilizados pelos professores. Quanto ao uso de aparelhos eletrônicos em seus diversos espaços, a escola segue a lei que proíbe a utilização de aparelhos celulares nas escolas públicas estaduais, a qual serve como mediação para a interpretação dos docentes no que diz respeito aos usos e práticas realizadas pelos jovens com esses aparelhos tecnológicos. À época do trabalho de campo, cada sala contava com uma cópia do texto da lei afixado na parede situada próxima à porta de entrada, mas houve pouca repercussão no espaço escolar por não contar com medidas punitivas que conseguissem impedir a utilização dos aparelhos celulares pelos alunos. Nesse sentido, os professores atuam por meio de acordos com os estudantes, aula a aula, para a criação de uma microcultura que viabilize o trabalho com os conteúdos escolares.

Ao longo da pesquisa de campo, algumas impressões foram se tornando recorrentes, razão pela qual chamaram nossa atenção. Observamos, por exemplo, que nos primeiros minutos das aulas, poucos alunos se encontravam na sala, em geral sempre arrumada à espera deles. As cadeiras, colocadas sobre as carteiras, eram dispostas quase sempre de acordo com a forma usual de distribuir o mobiliário escolar. Porém, conforme os alunos iam chegando, elas iam sendo ajeitadas em sua posição convencional quando, então, a sala de aula adquiria vida, com seu espaço esquadrinhado, mas por vezes transformado. Nesse contexto, começamos a identificar um ‘personagem’ outrora desconhecido pela escola – o celular. Em uma nota de campo registramos um pouco dessas primeiras impressões:

No fundo da sala, no canto esquerdo, duas outras alunas também dividem os fios do fone de ouvido (um fone de ouvido na orelha de cada uma, ligados a um mesmo aparelho celular), apesar da disposição das carteiras na sala permanecerem enfileiradas. (RA-20, 2012)

Com seus toques musicais e visores iluminados, esses novos protagonistas se insinuam e se mesclam na teia de relações que constitui a sala de aula. Por intermédio deles, as conversas não mais se restringem aos colegas de classe, uma vez que as comunicações instantâneas atingem todo o potencial aberto pelo espaço virtual. Tudo se passa como se aquela cultura escolar pretérita implodisse. Valores que lhes eram centrais e caros, como o controle, se degradam. Olhando para o processo de aprendizagem escolar, a primeira impressão que temos é a de que os jovens, imersos em sua relação com seus aparelhos tecnológicos, estão alheios a esse processo. Encontram-se, muitas vezes, em outro lugar, em seus afazeres estranhos àquele contexto.

A centralidade que o celular tem adquirido tanto na mediação das relações estabelecidas entre os jovens, como na própria escola em estudo, levou-nos a tomá-lo como foco privilegiado de nossas observações. Consideramos que por meio de suas formas diversas de utilização esse aparelho desempenha um papel de elemento condensador dos valores de nossa sociedade, fortemente marcada pela mobilidade e a conexão generalizada entre homens e máquinas (LEMOS, 2004). Com isso atestando a centralidade da comunicação e da informação em nossa configuração social.

Caracterizada por Lévy (2010, p. 17) como cibercultura, a configuração sociocultural contemporânea é conceituada pelo filósofo como o "conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço". Tendo por base o conjunto de modificações tecnológicas quanto ao suporte material dos textos culturais, podemos dizer que nossa relação com os diversos saberes já não possui uma forma estável como ocorre nas sociedades tradicionais, o que torna ainda mais complexa a relação pedagógica na sociedade atual. A enorme e crescente quantidade de informação disponível configura uma época cuja imagem é a da “inundação” de informação.

Essa dinâmica quantitativa, bem como a disseminação do suporte tecnológico que lhe serve de base dá a impressão de que todo o conhecimento está ao nosso alcance. Acessada por meio dos celulares, *notebooks*, *tablets* e computadores, a internet, como conjunto de textos e hipertextos, aparece como uma massa amorfa constituída por um oceano de informações não diferenciadas. Ao entrarmos nesse universo, cada *site* se constitui em uma espécie de agente de seleção, organização e hierarquização parcial, um contexto que não apresenta uma hierarquia absoluta. Para Lévy (2010), deveríamos aprender a nos acostumar com sua profusão e desordem, cabendo a cada sujeito uma reconstrução parcial das totalidades por meio de uma filtragem ativa do conteúdo disponibilizado em rede, entre seus cruzamentos e bifurcações: as metáforas centrais dessa relação contemporânea com o saber passam a ser aquelas da navegação e do *surf*.

Navegando na internet, ouvindo músicas ou realizando outras práticas de comunicação por meio de seus aparelhos celulares, o processo de invenção da cultura escolar contemporânea introduz práticas que têm como base a utilização dos aparelhos tecnológicos, porém, originadas fora do contexto escolar. Essas práticas são trazidas pelos alunos para o interior da instituição escolar. Nesse processo de diálogo com o mundo tecnológico os estudantes se constituem como atores protagonistas.

Os diversos aplicativos dos aparelhos adquiridos pelos jovens (como máquina fotográfica, transferência gratuita de dados pelo *Bluetooth*) são manipulados de forma habilidosa e criativa na resolução do que parece se constituir em elemento central para os alunos observados. Ou seja, as relações estabelecidas entre si, assentadas em temas e significados próprios ao mundo juvenil das classes populares. Com efeito, por todo o trabalho de campo que transcorreu ao longo do ano letivo, pudemos ver que a maior parte das práticas realizadas com o apoio dos aparelhos celulares não possuía uma finalidade pedagógica, *strictu sensu*. Indagamos, por isso: em que medida o acesso aos objetos tecnológicos acarreta uma mudança na relação dos jovens com os saberes escolares? Presume-se que um dos motivos do desinteresse dos jovens pela escola contemporânea é o abismo tecnológico que a separa das outras esferas da vida cotidiana de sua experiência escolar. Entretanto, cabe perguntar se, por si sós, poderiam os jovens construir uma ponte entre essas duas culturas em meio a um contexto social em que há uma desvalorização do processo de aprendizagem escolar (KRAWCZYK; VIEIRA, 2008) e, mais ainda, da autoaprendizagem?

Para respondermos a essas questões, faz-se necessário aproximarmo-nos do leque de práticas para as quais os aparelhos tecnológicos são mobilizados pelos estudantes, que em sua maioria se socializa paralelamente à instituição escolar (DUBET, 1998) em um contexto cultural em que não está posta a necessidade de imersão nesse mundo institucional. Vejamos uma das cenas presenciadas durante a pesquisa de campo.

“Acho que sim”, escreve a aluna W em seu celular, e envia a mensagem. Já recebeu cerca de sete mensagens, seu celular alaranjado está debruçado sobre sua mesa, ao lado da apostila de filosofia. O visor se acende avisando que possui uma nova mensagem. Ela não responde imediatamente, pega as canetinhas coloridas com as quais está fazendo a capa do trabalho de sociologia. Outro aluno, do fundo da sala, coloca o fone em seu ouvido e balbucia uma música. A aluna W responde novamente a mensagem. É o 9º toque de mensagem registrado. (RA-20, 2012)

Essas práticas de comunicação mediadas pelo celular foram observadas em todas as turmas, permitindo identificar o gênero de comunicação preferido pelos jovens, qual seja, as formas rápidas e ágeis, como a troca intensa das mensagens *Short Message Service* (SMS), cujos toques de recebimento cadenciavam o decorrer das aulas. Os dados colhidos por meio do questionário aplicado ao final da pesquisa confirmam o que foi percebido nas observações diretas em sala de aula. Perguntados sobre suas práticas mais usuais com os celulares, 94% dos alunos afirmou que o utilizam para enviar mensagens de texto (SMS). Os dados do CETIC.br (2013) vão na mesma direção, ainda que um pouco abaixo, ao registrar que 89% dos jovens que utilizam o aparelho tem preferência por práticas rápidas de comunicação, o que atualmente é observado na intensa utilização pelos jovens de aplicativos para troca de mensagens como o *Whatsapp*, que, diferente do SMS, necessita apenas de uma conexão com a internet. Na escola B, além da incessante troca de mensagens, outras práticas foram observadas ao longo do ano letivo, tais como a de tirar fotos com o celular a fim de serem postadas no *Facebook*. Quaisquer situações, desde as mais corriqueiras até as inusitadas, eram motivo para serem fotografadas.

O acesso ao *Facebook*, rede social na qual se compartilham informações e conteúdos nos mais diversos formatos, é uma das principais práticas realizadas pelos jovens contemporâneos por meio dos aparelhos tecnológicos. Segundo o CETIC.br, 50% dos jovens compartilham conteúdos como vídeos, imagens e músicas pelos celulares. Se pelo celular apenas 47% dos alunos observados afirmam acessar as redes sociais como o *Facebook* (percentual inferior à média nacional entre os jovens, de 59%, ainda que superior à média da classe C, apresentada por esse centro de estudos, de 28%), podemos presumir que se trata da limitação de alguns de seus aparelhos. Se olharmos para as práticas dos jovens por meio do uso dos computadores, temos a dimensão dessa generalização: 86% dos alunos afirmam utilizá-los para o acesso a redes sociais e esse acesso ocorre de forma precoce. Esse dado obtido em nosso trabalho de campo está muito próximo aos dados do CETIC.br, em que 89% dos jovens afirma participar das redes sociais por meio de computadores ligados à internet.

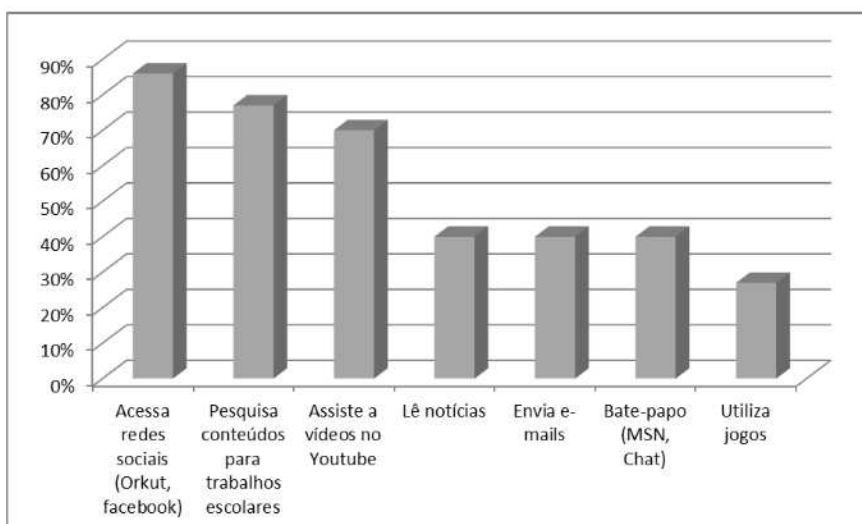


GRÁFICO 1: Usos do computador entre jovens da Escola B

Fonte: Salatino, 2014

Em outra situação, uma aluna, ao ser questionada pelo professor sobre o que tanto fazia com seu aparelho celular, do qual não se desgrudava desde o início da aula, afirmou que estava passando as músicas de um chip do celular de seu colega para o seu próprio. Indagada a respeito do modo que mais utilizava o celular, ela responde prontamente: “Facebook é 24 horas por dia”. Em termos gerais, a pesquisa do CETIC.br aponta que entre jovens de 16 a 24 anos, as principais atividades realizadas por meio do celular são: enviar e receber chamadas telefônicas (99%), enviar mensagens de texto SMS (89%), ouvir músicas (84%), tirar fotos (79%), jogar e assistir a vídeos (ambos 61%) e acesso as redes sociais (59%), entre outras. Ouvir música se constitui em atividade generalizada entre as classes sociais, enquanto registram-se claros diferenciais entre as classes no que tange a vários outros aspectos, tal como pode ser visto na figura 2, abaixo.

QUADRO 1- Uso do celular por jovens de 16-24 anos – classes A e C

Tipo de atividade	% Classe A	% Classe C
Acesso às redes sociais	52	28
Acesso ao e-mail	62	21
Busca de informações	62	20
Acesso a sites	58	20
Uso de mapas	52	15

Fonte: CETIC, 2013

Entre os jovens, experiências que fazem referência à relação com o universo musical também foram recorrentes nas observações em campo, seja por meio dos distúrbios ocasionados pelos toques e músicas em alto volume no meio da aula, ou mesmo pelas trocas

realizadas entre os estudantes, especialmente por meio da tecnologia *Bluetooth*⁵, a qual não apresenta custos para a transmissão de dados. O registro das anotações em campo, de uma cena em sala de aula do 3º ano, dá uma ideia a esse respeito:

É possível ouvir alunos cantando na sala de aula ao lado - ...*morreu de sede, meu alazão*. ‘Gonzaguinha?’, pergunta um dos alunos. ‘Luiz Gonzaga’, outro corrige e em voz alta completa: ‘Cantei essa música na 5ª série’. O mesmo aluno, virando-se para a aluna B, ao lado, lhe diz: ‘Tentei passar uma música’.

Ao término do processo, ela logo começa a tocá-la em seu celular uma mistura de um vocal melódico com uma batida funk. Impressionada com a velocidade com que o arquivo foi transferido do celular de E para o celular de B, a aluna N pergunta: ‘Já?’. O aluno E lhe responde em tom seco: ‘Já, não é *xingling* nosso celular, não!’. Outra aluna ao lado (aluna N) diz: ‘Eu quero’, e a aluna B tenta agora transferir a música para a colega. (RA-18, 2012, 3º ano Z)

Os estudantes fazem com que suas músicas circulem entre seus amigos, e os fones de ouvido disseminados entre eles não impedem que o som das batidas se extravase e seja ouvido, se não a letra cantada, ao menos a batida característica do ritmo *funk*. Esse cenário persiste como pano de fundo fugidio para todos os alunos presentes naquele espaço. Os aparelhos celulares aparecem ainda como mediação essencial nas relações estabelecidas pelos jovens para além de sua exibição e utilização sonora, algo que se mostrou evidente no caso de uma aluna, recém-chegada à turma do 1º ano Y, que apresentou uma foto de seu irmão ainda bebê (arquivada na biblioteca de imagens do aparelho) para outra das alunas da sala, na tentativa de se enturmar.

O alheamento dos estudantes não se dá apenas em virtude do acesso a outros espaços potenciais, mas como decorrência da possibilidade de um maior controle do uso de seu próprio tempo (PEREIRA, 2010). Enquanto a escola moderna criou uma relação com os saberes em que os alunos realizam uma espécie de trabalho alienado, a reapropriação individual de seu tempo não se dá por meio da criação de outras formas de relação com os saberes, mas de estratégias proporcionadas pelas tecnologias, aí incluídas as práticas de lazer e fruição. Um excerto das observações tomadas em campo exemplifica esse tipo de prática.

Reconheço a música tocada por um dos aparelhos celulares. O aluno R está jogando um jogo chamado “*angrybirds*”, no qual o jogador arremessa pássaros e necessita matar seus inimigos destruindo as estruturas que os protegem. O aluno que senta próximo à sua carteira começa a imitar uma galinha - “Pó... pooo... poooo”. Ao ouvir a música emitida pelo aparelho, seu colega B afirma: “Ó, passou de fase!”. A professora, ouvindo o som do celular, que não estava nem um pouco baixo, diz em voz alta: ‘Quem tá com o celular, não entendeu que é pra ficar no silencioso?’. (RA-12, 2012)

A utilização dos jogos em seus aparelhos celulares (40% dos alunos acompanhados no trabalho de campo afirmam que utilizam seus celulares para jogar) nem sempre traz a preocupação de ser realizada de forma oculta, como se pode ver no excerto acima. Com os

⁵ Silva (2012) também aponta para a centralidade do uso do *Bluetooth* entre os jovens com os quais realizou seu trabalho etnográfico na cidade de Florianópolis.

celulares os alunos instauram outros usos de tempo, usos que negam o trabalho escolar, usos que fogem ao rígido controle disciplinar sobre suas forças intelectuais e econômicas.

Nos rostos dos alunos e em suas relações com os aparelhos celulares podemos sentir um tom de distanciamento do universo escolar, a maioria construindo sua experiência escolar de forma paralela à escola (DUBET, 1998). Diferentemente dos jovens de classe média que possuem um projeto que inclui a escola como meio de ascensão social, os jovens das classes populares já não creem da mesma forma no jogo escolar. Se por um lado, os jovens da escola B obedecem às condutas ritualísticas da escola, como as cópias de diversos conteúdos, por outro lado, constatamos que eles não investem realmente na aprendizagem das disciplinas. Isto se dá porque, com o processo de massificação da instituição escolar, foi estendida para as classes populares uma experiência escolar fundada, muitas vezes, em tarefas gratuitas e exercícios vazios (BOURDIEU, 2003), uma escolarização que atrasa sua entrada no mercado de trabalho. Os jovens das classes populares experimentam nesse período escolar uma ausência de sentido utilitário nos estudos que estão realizando. Desse ponto de vista, o que presenciamos em campo foi um cenário em que os estudantes acabam relegando suas energias e toda sua criatividade para a relação com as tecnologias, especialmente para as práticas realizadas pelo uso dos aparelhos celulares, onde reencontram os temas do mundo juvenil.

A relação dos jovens com esses aparelhos é mediada pela classe social, o que apresenta dois significados principais: em um plano geral, explicita valores associados às classes populares, como a solidariedade, reproduzidos pelos jovens em sua relação com as tecnologias, especialmente no caso do empréstimo de seus aparelhos eletrônicos aos colegas. No âmbito das relações construídas pelos alunos com a escola e as tecnologias, observamos que tais relações estão permeadas por um desinvestimento do jogo escolar, na medida em que os aparelhos celulares não são utilizados com propósitos pedagógicos. Isso se mostra pela generalização de práticas de distração, como ouvir músicas, acessar redes sociais e mandar mensagens pelos celulares, que estão entre as principais práticas realizadas pelos jovens nas salas de aula, conforme nossas observações, como também nos comentários dos alunos nos questionários, quando falam sobre as principais práticas realizadas por meio desses aparelhos. Fica evidente a mediação da noção de classe em práticas que denotam a distinção sociocultural. Segundo os dados colhidos em campo, apenas 10% dos jovens da escola B dizem utilizar o celular para se informar sobre o mundo a partir da leitura de notícias e apenas 28% dos jovens afirmam utilizá-lo para pesquisar conteúdos escolares. Isso denota uma forma de uso das tecnologias móveis que está normalmente associado à distração e comunicação, usos que são reproduzidos pelos jovens no interior da instituição escolar.

Além disso, cerca de um terço desses alunos dizem já terem utilizado o aparelho celular para obterem respostas das provas, e uma parte desses receberam ou enviaram mensagens de texto para seus colegas com as respostas de avaliações ou atividades aplicadas pelos professores (cf. SALATINO, 2014). Dessa forma, vemos que o celular está inserido em um universo de práticas que constitui em uma ferramenta que atualiza a cola, sob a forma de

cola digital. Conversas rápidas realizadas no interior da sala; dedos ágeis digitando mensagens ou acessando as redes sociais; observação de fotos e vídeos; jogos; execução e compartilhamento de músicas que são enviadas de um celular para o outro... Esse conjunto de práticas denota um alheamento ao universo escolar, característico daqueles jovens distanciados do papel escolar de aluno, ainda que não cheguem necessariamente a se socializar contra a escola (DUBET, 1998), adotando posturas agressivas contra os professores e à própria instituição escolar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho etnográfico permitiu-nos construir uma interpretação sobre a relação dos jovens com a cultura escolar e com a cultura contemporânea. Geertz (1989), ao insistir sobre o caráter simbólico de nossas ações, mostra que essas têm sempre algo a nos dizer sobre nossa própria sociedade. Um paralelo com suas análises sobre os múltiplos significados de uma piscadela nos levou a interpretar que algo aparentemente singelo – como o comentário de uma professora que pede ao aluno para colocar o celular no “modo silencioso” – está eivado de significados culturais. O comentário individual da professora denota algo mais, um papel social (docente) que se tenta reproduzir apesar de enfrentar dificuldades cada vez maiores. Por um lado, esse fato aponta para a existência de uma lei que proíbe a utilização do aparelho celular no período de aula e as pressões dos agentes e da burocracia escolar para seu cumprimento para que atue como um filtro docente na interpretação das práticas dos jovens. Dessa maneira, nos diz que seu uso é indevido naquele espaço. Na impossibilidade de cumprir efetivamente a lei, acordos efetuados pelos docentes, de forma implícita ou explícita, sugerem que os jovens não denunciem o uso do celular e atrapalhem o andamento da aula como um todo. Nesse sentido, o modo silencioso tende a retratar uma hierarquia de importância entre a cultura escolar e juvenil que na prática daqueles sujeitos não está posta. Se por meio do uso do aparelho celular a dimensão do privado (das relações do jovem e do celular) se superpõe à dimensão pública da aula, a sugestão do modo silencioso tenta reestabelecer a superioridade simbólica das aulas e da cultura escolar como um todo em relação aos assuntos juvenis.

Por outro lado, em conjunto com as diversas situações presenciadas em campo, o comentário da professora nos apresenta o estabelecimento de um corte no interior da cultura escolar, que, por essa perspectiva, elimina a possibilidade do uso do celular e das tecnologias digitais como estratégias de aprendizagem, em vez de buscar dialogar com essas tecnologias e dimensões culturais contemporâneas. Essa ruptura torna a escola incapaz de lidar pedagogicamente com os textos audiovisuais e hipertextos, os quais são extremamente importantes no processo de socialização da juventude atual. Se nessa cultura escolar a utilização de determinados aparelhos tecnológicos é filtrada pela chave do impróprio, as práticas pedagógicas tradicionais como a cópia (que é central no contexto observado) permanecem sendo reproduzidas e o texto escrito aparece para alunos e professores como o único caminho possível para o conhecimento escolar. Dessa maneira, a instituição escolar e

os professores que a representam tentam prolongar uma forma escolar cujos contornos foram constituídos na modernidade, retratando um papel de resistência cultural realizado pela Escola B, característico de grande parte das demais escolas. (TIRAMONTI, 2005).

Se considerarmos a inserção das TICs na instituição escolar como um todo, o tempo de invenção de práticas pedagógicas que tomam por base os novos recursos tecnológicos disponíveis ainda é relativamente curto, razão pela qual os computadores, *tablets* e aparelhos celulares ainda não se generalizaram pelas diversas práticas pedagógicas. Especialmente, se considerarmos sua presença nas práticas realizadas no interior das salas de aula, local onde os jovens passam a maior parte de sua vivência escolar. Sendo assim, os alunos, compreendidos como atores fundamentais da instituição permanecem vivenciando uma dualidade de mundos culturais e tecnológicos ao frequentar a escola. A assimetria existente entre o mundo juvenil, impregnado por objetos tecnológicos e pelo mundo simbólico correspondente, é tensionada pela mobilidade que marca uma série de objetos atuais. Vimos no trabalho de campo que as práticas dos alunos não estão mais restritas aos limites ditados pela instituição escolar. Aqueles jovens estão imersos em um espaço muito mais fluido, que não se esgota nas atividades pedagógicas realizadas naquele contexto. Por meio da utilização dos celulares, com suas redes de contatos e diversos usos, encontram-se com as demandas do mundo juvenil, as quais lhes são centrais. Além da marca da fluidez e da mobilidade que esse aparelho imprime às práticas, a ditadura da instantaneidade (BAUMAN, 2001) constitui outro aspecto essencial da cultura contemporânea, aparecendo na pressão por uma conexão interrupta, presente nas falas dos alunos sobre sua dependência e acesso constante às redes sociais. O aparelho celular aparece como protagonista nesse contexto de contradições e questionamentos que permeiam a escola contemporânea, uma vez que os jovens carregam para dentro do mundo escolar objetos, práticas e símbolos que lhes são associados. Ainda que a escola permaneça próxima de sua forma moderna, devemos compreendê-la como uma instituição histórica e, portanto, mutável, que venha a se converter em algo distinto do que hoje conhecemos (DUSSEL; QUEVEDO, 2010).

Nesse processo dialético entre a permanência de uma forma histórica e a dinâmica de inovação como construção coletiva é que devemos pensar a instituição escolar. Como instituição de mais de um século, isso significa que sua responsabilidade no trato com os bens culturais contemporâneos não pode ser medida apenas pela quantidade de tecnologia que possui, mas por tudo o que construiu ao longo de sua história, assim como pelo cumprimento da finalidade à que se propõe, qual seja, a de estabelecer uma relação dos jovens com um legado cultural de gerações precedentes. Segundo Dussel e Quevedo (2010), não podemos esquecer que a escola possui também a capacidade de inovar e de estabelecer um diálogo criativo com os textos culturais e a vida contemporânea como um todo. Em outros termos, esse processo traduz o que Ezpeleta e Rockwell (1986) denominaram de ‘construção social da escola’, ou seja, o modo como a escola é construída historicamente por aqueles que dela participam cotidianamente, aí incluídos os alunos.

Nesse contexto geral de novas relações culturais e tecnológicas estabelecidas pelos jovens dentro e fora dos muros da instituição escolar, acreditamos ser importante a análise

das diferenças de práticas existentes entre as classes sociais para rompermos com uma ideia precipitada de que as questões das desigualdades escolares poderiam ser resolvidas apenas pelo acesso às novas tecnologias de informação e comunicação. Os dados mais preocupantes se referem à reprodução sociocultural entre os jovens de 16 e 24 anos, principalmente, no caso dos jovens das classes populares, pelo fato de o processo educacional não lhes oferecer uma preparação para maior protagonismo na produção de conteúdos. Se tomamos como parâmetro os dados gerais do CETIC.br (2013), notamos que 74% dos jovens compartilham conteúdos na internet, todavia, apenas 45% posta conteúdos criados por eles mesmos. A produção de blogs, por exemplo, é realizada por apenas 26% dos jovens, sendo 16% na classe C e 25% na classe A. E, em proporção similar, o compartilhamento de conteúdo próprio corresponde a 32% nas classes populares e a 45% na classe A. Esses percentuais, atrelados à incapacidade da formação crítica no processo educacional, pode indicar a vulnerabilidade dos jovens às produções de terceiros, carregadas por si próprias de conteúdo ideológico. Favorece-se assim a reprodução do *status quo*, que se apresenta, pois, sob a forte marca das diferenças de classe.

Sob ângulo complementar, o trabalho de campo permitiu observar que, apesar do protagonismo juvenil no uso dos aparelhos tecnológicos e na invenção da cultura escolar, há pouca mobilização com finalidade pedagógica por parte dos estudantes, bem como um leque de práticas de *cheating*, ou cola digital, que reproduzem em um novo plano, práticas anteriormente realizadas pelos alunos. Apesar de todos os avanços em termos das possibilidades de produção de textos, hipertextos, bem como de material audiovisual por meio das ferramentas presentes em seus aparelhos celulares, é necessário levarmos em conta que as práticas de criação não são as práticas habitualmente realizadas pelos jovens, como vemos pelo fato de que mais da metade deles posta e compartilha somente material criado por outros (DUSSEL; QUEVEDO, 2010). Como vimos também no trabalho de campo, esse conjunto de práticas não é associada a atitudes críticas ou ao conhecimento de tipo escolar ou de maior complexidade; tratam de temas e problemas referentes ao mundo juvenil.

Tiramonti (2005) argumenta sobre a necessidade de a escola contemporânea considerar esses elementos para estabelecer relações criativas com a pluralidade e heterogeneidade de textos que conformam a cultura contemporânea, representadas tanto pelos textos audiovisuais como pelos hipertextos. No caso das classes populares, essa articulação entre os saberes escolares e os novos textos culturais deve ser pensada de forma articulada entre professores e alunos, uma vez que a mobilização para as tecnologias se dá mais no sentido de distração – fluidificam o espaço da sala de aula por meio das práticas comunicativas e do uso da internet, sem que isso implique em ganhos no processo de aprendizagem. Nesse caso a responsabilidade dos agentes educativos (DUSSEL; QUEVEDO, 2010) é maior, pois há a possibilidade de reforçarmos o processo de reprodução cultural na medida em que as práticas que têm por base um trabalho de reflexão sobre o texto escrito e os hipertextos contemporâneos são práticas com pouca repercussão nessa classe social.

O conjunto de modificações sobre a forma como nos relacionamos com o mundo cultural (simbólico) parece arrastar a escola para um contexto de ruptura. Cada vez mais

mediada pela utilização das TICs, nossa relação com o saber é profundamente alterada, resignificando a posição da instituição na passagem dos bens culturais às novas gerações. Nesse contexto de imbricação tecnológica, o trabalho escolar se torna ainda mais complexo, pois à heterogeneidade de saberes se associa a de competências tecnológicas. Dessa forma, torna-se necessária uma organização do trabalho didático que tem como ponto de partida essa heterogeneidade, para que possamos avançar em termos do conhecimento dos alunos. As investigações apontam que os jovens adotam práticas e exibem competências tecnológicas heterogêneas vinculadas ao nível socioeconômico e ao capital cultural (DUSSEL; QUEVEDO, 2010), bem como que essas competências tecnológicas devem ser consideradas como parte desse capital cultural dos jovens (MARTIN-BARBERO, 2008). Devemos desmistificar a associação mecânica entre uma escola altamente tecnológica e uma aprendizagem de qualidade, posto que se trata de um processo de maior complexidade.

Desconsiderar as desigualdades de classe em termos do capital cultural e do *ethos* que os alunos possuem, bem como as diferentes habilidades e competências desenvolvidas pelos jovens, é criar um ambiente que favorece a desigualdade de oportunidades no acesso à educação e ao conhecimento. As diferenças observadas entre os jovens das classes populares e aqueles que pertencem à classe A, naquilo que tange ao acesso e uso das TICs, recomendam atenção especial aos que trabalham e militam no campo educacional, sobretudo, pelo risco de as tecnologias atuarem mais no sentido de um diferenciador de classe do que um fator de democratização social e escolar, inversamente ao esperado e ao que se tem argumentado sobre seu caráter potencialmente democratizador.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Org.). **Escritos de educação**. 8.ed. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 39-64.

BOURDIEU, Pierre. A juventude é apenas uma palavra. In: BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Lisboa: Fim de Século, 2003. p. 151-162.

BOURDIEU, Pierre; BOLTANSKI, Luc. O diploma e o cargo: relações entre o sistema de produção e o sistema de reprodução. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Org.). **Escritos de educação**. 8.ed. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 127-144.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. 4. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001. 290 p.

CETIC.BR (CENTRO DE ESTUDOS SOBRE AS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E DA COMUNICAÇÃO). **TIC Educação 2013**. Disponível em <<http://www.cetic.br/pesquisa/educacao/indicadores>> . Acesso em: 17 jul. 2014.

DUBET, François. A formação dos indivíduos: a desinstitucionalização. **Educação e Contemporaneidade**, Salvador, BA, v. 3, p. 27-33. 1998. Disponível em: <<http://goo.gl/PrqCmR>>. Acesso em: 01 jul. 2015. ISSN 2358-0194.

DUSSEL, Inés. A transmissão cultural assediada: metamorfoses da cultura comum na escola. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, SP, v. 39, n. 137, p. 351-365. 2009. Disponível em: <<http://goo.gl/G5lEJp>>. Acesso em: 01 jul. 2015. ISSN 1980-5314.

DUSSEL, Inés; QUEVEDO, Luis Alberto. **Educación y nuevas tecnologías: los desafíos pedagógicos ante el mundo digital: documento básico**. Buenos Aires: Santillana, 2010. 80 p. [VI Foro Latinoamericano de Educación]. Disponível em: <<http://goo.gl/KNCGie>>. Acesso em: 29 abr. 2015.

EZPELETA, Justa; ROCKWELL, Elsie. **Pesquisa participante**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

KRAWCZYK, Nora; VIEIRA, Vera Lucia. **A reforma educacional na América Latina nos anos 1990: uma perspectiva histórico-sociológica**. São Paulo: Xamã, 2008.

LE MOS, André. Cibercultura e mobilidade: a era da conexão. **Razón y palabra**, Guadalupe, ES, n. 41, p. 1-21, out./nov. 2004. Disponível em: <<http://goo.gl/HH5j8>>. Acesso em: 14 mar. 2014. ISSN 1605-4806.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 3.ed. São Paulo: Ed. 34, 2010.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, SP, v. 17, n. 49, p. 11-29. 2002. Disponível em: <<http://goo.gl/gQgsDb>>. Acesso em: 01 jul. 2015. ISSN 1806-9053.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. A mudança na percepção da juventude: sociabilidades, tecnicidades e subjetividades entre os jovens. In: BORELLI, Silvia; FREIRE FILHO, João. (Org.). **Culturas juvenis no século XXI**. São Paulo: EDUC, 2008. p. 9-32.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. Impactos psicológicos do uso de celulares: uma pesquisa exploratória com jovens brasileiros. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, DF, v.20, n. 2, p. 165-174. 2004. Disponível em: <<http://goo.gl/f1QolK>>. Acesso em 01 jul. 2015. ISSN 1806-3446.

PASSARELLI, Brasilina; JUNQUEIRA, Antônio Hélio. (Coord.). **Gerações interativas Brasil: crianças e adolescentes diante das telas**. São Paulo: Escola do Futuro/USP, 2012.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. **A maior zoeira: experiências juvenis na periferia de São Paulo**. 2010. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

PRENSKY, Marc. Digital natives, digital immigrants. **On the Horizon**, v. 9, n. 5, p. 1-6. 2001. Disponível em: <<http://goo.gl/4oYb>>. Acesso em: 6 mar. 2014.

ROCHA, Rose de Melo; SILVA, Josimey Costa da. Cultura jovem, violência e consumo: representações midiáticas e percepção de si em contextos extremos. In: BORELLI, Silvia; FREIRE FILHO, João. (Org.). **Culturas juvenis no século XXI**. São Paulo: EDUC, 2008. p.111-132.

SALATINO, André Toreli. **Entre laços e redes de sociabilidade**: sobre jovens, celulares e escola contemporânea. 2014. 198 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2014.

SCHILLING, Flávia Inês. As formas da contestação juvenil, ontem e hoje: onde, quem, como? Três hipóteses para uma pesquisa. In: **Simpósio Internacional do Adolescente**, São Paulo, Faculdade de Educação da USP, 2005. CD-ROM.

SILVA, Sandra Rúbia. Performances de masculinidade, práticas de subversão: o consumo de telefones celulares entre jovens de camadas populares. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, SP, v. 9, n. 26, p. 61-82. 2012. Disponível em: < <http://goo.gl/GGrhLT> >. Acesso em: 01 jul. 2015. ISSN 1983-7070.

TASCHNER, Gisela Black. **Cultura e consumo**: dimensões mercantis da cidadania. Tese (Livre Docência) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007, 199 p.

TIRAMONTI, Guillermina. La escuela en la encrucijada del cambio epocal. **Educación & Sociedad**, Campinas, SP, v. 26, n. 92, p. 889-910. 2005. Disponível em: < <http://goo.gl/UF2oes> >. Acesso em: 01 jul. 2015. ISSN 1678-4626.

Agradecimento

Os autores agradecem a Luiz Ramires Neto pela colaboração, como observador, e pelas sugestões na realização do Grupo Focal.

Como citar este documento:

SALATINO, André Toreli; BUENO, Belmira Oliveira. Entre mundos juvenis: o papel das tecnologias na escolarização de alunos das classes populares. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 17, n. 3, set./dez. 2015. ISSN 1676-2592. Disponível em: <<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8637511>>. Acesso em: 14 dez. 2015.